



## ATIVIDADES NA NATUREZA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: O CASO DA ORIENTAÇÃO

Sara Fabrina Soares Dornelles Weis

### RESUMO

*Este trabalho pretende trazer um levantamento de produções acerca das Atividades na Natureza, com ênfase na Orientação, mostrando-a como conteúdo necessário e disponível para a Educação Física Escolar. A temática introduz uma reflexão sobre a real situação dos currículos escolares, quais as demandas ainda não contempladas e que estão presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Lições do Rio Grande. O desdobramento final dessa questão só é possível se houver a compreensão da necessidade de se promover a formação continuada de docentes, qualificando-os para o trabalho com as Atividades na Natureza dentro do ambiente escolar.*

**Palavras-chave:** Educação Física Escolar, Atividades na Natureza, Orientação.

### RESUMEN

*Este trabajo tiene como objetivo traer un levantamiento de las Actividades en la Naturaleza, con énfasis en la Orientación, mostrándola como contenido necesario y disponible para la Educación Física en La escuela. El tema presenta una reflexión sobre la situación real de los currículos escolares, las demandas que todavía no han sido contempladas y que están presentes en los “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)” y en las “Lições do Rio Grande”. El desarrollo final del tema solo es posible si hay una comprensión de la necesidad de promover la formación continua de los profesores, calificándolos a trabajar con las Actividades en la Naturaleza en el entorno escolar.*

**Palabras-claves:** Educación Física Escolar, Actividades en la Naturaleza, Orientación.

### ABSTRACT

*This work aims at introducing a production survey towards Activities in the natural environment, with emphasis on Orienteering, presenting it as an essential, available issue to the School Physical Education. The subject introduces a reflection on the real situation of the school curriculum, as well as the demands that have not been contemplated yet in spite of being a discipline at the “Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)” and at “Lições do Rio Grande”. The accomplishment of this question is only possible by understanding the necessity at providing continuous learning for teachers, qualifying them to work with Activities in the natural environment.*

**Key-words:** School Physical Education, Activities in the natural environment, Orienteering.



## 1. INTRODUÇÃO

A humanidade, em seus primórdios, manteve uma relação harmônica com o ambiente em que vivia. Tal relação, característica de uma perfeita simbiose, trazia consigo benefícios tanto para o meio quanto para a espécie humana.

Com o tempo, o homem aprendeu técnicas agrícolas que, aliadas ao extrativismo mineral e vegetal, conduziram a uma exploração crescente dos recursos naturais. Passou-se a utilizar combustíveis fósseis para obtenção de energia e a produção de excedentes, ou seja, retirava-se da natureza mais do que o necessário para a sobrevivência da espécie.

Isto se agravou particularmente nos séculos XVIII e XIX, com o advento da revolução industrial. A utilização desordenada dos recursos naturais não renováveis, do solo e dos recursos hídricos causou grandes danos ao equilíbrio dos ecossistemas de nosso planeta, com consequências graves para as gerações vindouras. O futuro do planeta e da espécie humana está em jogo.

Neste quadro, surge a necessidade de refletir-se a questão ambiental. Busca-se retomar o contato que existia entre o homem e a natureza e que, atualmente, parece tão distante, ao contemplar-se cenas de poluição de rios, de desmatamento em nome da expansão agropecuária e do processo de urbanização sem precedentes na história da humanidade.

Inserida neste contexto, a escola recebe a incumbência de ensinar ao indivíduo a ser ambientalmente educado, uma atribuição para a qual se percebe que a mesma não se encontra plenamente preparada, não sabendo corretamente como tratá-la e o modo de inseri-la em sua grade curricular.

O Ministério da Educação e do Desporto, em 1997, ao consolidar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), editou um volume direcionado especificamente ao Meio Ambiente e Saúde.

Essa consciência já chegou à escola e muitas iniciativas têm sido desenvolvidas em torno desta questão, por educadores de todo o País. Por estas razões, vê-se a importância de se incluir a temática do Meio Ambiente como tema transversal dos currículos escolares, permeando a prática educacional. (BRASIL, 1997, p. 15)

Abre-se a oportunidade de repensar o papel da disciplina Educação Física nas escolas, uma vez que a mesma compõe a grade curricular e se legitimou na prática dos esportes coletivos como saber único, e que apresenta, por outro lado, conteúdos que podem auxiliar o desenvolvimento da temática Educação Ambiental, aliando-a ao movimento humano, entre tantos outros exemplos.

Neste contexto, as Atividades na Natureza apresentam-se como ferramenta para a educação ambiental ao aliar a motricidade humana e o contato com o meio natural. No entanto, sabemos que algumas atividades possuem características diferenciadas, tornando-se mais propícias para a execução na escola, como exemplo a Orientação descrita por DORNELLES (2007, p. 3) como “uma atividade em que o indivíduo tem que passar por pontos de controle marcados no terreno, no menor tempo possível, com o auxílio de um mapa e uma bússola”.

A Orientação tem como princípios básicos a prática justa, o respeito ao ser humano e ao meio ambiente, condições importantes e necessárias para o desenvolvimento do homem. Além disso, essa modalidade contém um componente educacional inigualável, pois pode ser trabalhado de forma interdisciplinar com toda a grade curricular. São conhecimentos de cartografia, ângulos, natureza, magnetismo, entre outros que exemplificam o potencial escolar dessa prática. Sendo assim, trazemos essa atividade para elucidar e dar significado prático ao trabalho desenvolvido.

Apreciando esses aspectos, o objetivo desse estudo é revisar, nas produções das atividades na natureza e ciências do esporte, as diferentes abordagens sobre tais práticas motoras no contexto escolar, salientando a Orientação. Além disso, objetivou-se também relacionar a temática com o que vem sendo



discutido nas leis que abrangem esses conteúdos e com os Parâmetros Curriculares Nacionais e Referencial Curricular do Rio Grande do Sul.

Assim, justifica-se sua importância por tratar-se de uma prática de reconhecido potencial, capaz de contribuir para que iniciativas, como as previstas na lei 9.795 de 27 de abril de 1999, a Lei de Educação Ambiental, tornem-se efetivamente eficazes. Tal norma legal, ainda pouco divulgada e trabalhada, define objetivos e ações voltados para educação ambiental dos brasileiros, desenvolvidas tanto no âmbito do ensino escolar formal quanto nas demais atividades da sociedade organizada.

Na Educação Física, tal atividade se mostra como uma grande oportunidade para o professor que deseja ampliar seus conteúdos, condizendo-os com as necessidades e expectativas de seus alunos, por ser uma prática que aumenta a compreensão ambiental e ecológica de forma a desenvolver o compromisso para agir positivamente, preservar e proteger o meio ambiente, adquirindo o conhecimento, habilidades e atitudes que visem à participação em atividades ao ar livre de forma segura e prazerosa. Tais aprendizados por sua vez, estarão ligados com a vida em sociedade.

## **2. METODOLOGIA**

Para esse estudo, tendo em vista o grande chamamento que o tema tem recebido nos congressos e seminários, optou-se pela revisão de artigos, produções bibliográficas acerca do tema, apresentados e contidos nos anais de dois grandes eventos das áreas de Educação Física e Atividades na Natureza, sendo eles: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE e Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura - CBAA.

Em CONBRACE (2010) vimos que o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte é um evento de grande vulto nacional, realizado a cada biênio pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) e, desde 2005, recebe também o título de Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE). Suas edições são intercaladas com os Congressos Regionais, realizados em anos pares, contemplando várias temáticas acerca do movimento humano.

O CBAA por sua vez, é um evento científico concretizado anualmente, variando de sede a cada edição. Ele traz consigo trabalhos relacionados às atividades de aventura, tanto na natureza, quanto fora dela como o skate, parkour, entre outros. A origem do CBAA deu-se por meio do Laboratório de Estudos do Lazer (LEL) do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – Campos Rio Claro. Seu principal objetivo é de ser um pólo de reflexões e discussões acerca das atividades de aventura, motivado pelo grande apelo que o tema tem recebido atualmente. (PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 2010).

Hoje, é de conhecimento dos estudiosos da área o grande número de conceituações e terminologias existentes para as atividades no meio natural. Geralmente, os termos esporte, aventura e radical estão associados a tais atividades. Contudo, estes conceitos muitas vezes não podem ser aplicados para a totalidade dessas práticas.

Dessa forma, para dar prosseguimento ao trabalho, existe um ponto a ser esclarecido: a terminologia empregada neste estudo.

É importante mencionar a existência de uma infinidade de termos que pretendem designar e caracterizar estas práticas, tais como: esportes de aventura, atividades *outdoor*, esportes radicais, esportes selvagens, dentre tantos outros. Talvez a falta de consenso sobre a terminologia contribua para uma interpretação superficial do que realmente venham a representar. (MARINHO 2004, p. 3)

Sendo assim, utiliza-se nesse estudo o termo “Atividades na Natureza”, tendo em vista a problemática que os conceitos de Esporte, Aventura e Radical nos remetem a discutir.



O esporte, segundo retirado de SILVA et.al. (2009), traz consigo princípios que são inerentes ao seu conceito, como o sobrepular, a comparação objetiva e a seleção, não encontrados em muitas das atividades praticadas na natureza.

Por sua vez, o termo radical remete a algo extremo, de intensidade em grau máximo, sem moderação e que envolve risco. Uma vez que essas práticas tentam minimizar ao máximo tais características, não podemos denominá-las radicais. O termo aventura também traz consigo o imprevisto, a peripécia e a ligação amorosa inconsequente. (MINIAURÉLIO, 2004). O indivíduo que pratica Orientação, por exemplo, tem consigo um mapa detalhado de toda a região que irá percorrer, passando assim por locais previstos e sem riscos.

Os estudos de MELO & SOARES revelam exatamente o que há no universo das Atividades de aventura quando relatam que

As atividades de aventura são aquelas que trazem como experiência o risco (real ou imaginado) e a incerteza, encontradas em diferentes ambientes, podendo ser numa trilha interpretativa, numa descida de patins num declive acentuado e/ou em uma escalada indoor (MELO & SOARES, 2010, p 74).

A decisão por uma terminologia representa algo que vai além dos conceitos e de seus significados, ela revela um pensamento crítico acerca das atividades e uma postura profissional diante do conteúdo a ser desenvolvido. Com isso, fixamos o termo Atividades na Natureza, que compreende um rol de práticas em ambiente natural isento de interferências negativas sobre a integridade humana.

### 3. CBAA E CONBRACE

As análises e levantamentos dos dados partiram inicialmente da quantificação dos anais apresentados nos três últimos CONBRACE (três primeiros CONICE), realizados respectivamente em 2005, 2007 e 2009. Essas três edições são importantes pelo marco que representam no cenário da Educação Física brasileira, sendo o segundo Congresso de nível internacional para essa área. Assim, os resultados encontrados nesses eventos foram os seguintes:

Edição	Ano	Total de trabalhos	Educação Física x Atividades na Natureza	Âmbito Escolar	Orientação
XIV CONBRACE I CONICE	2005	420	12	-	-
XV CONBRACE II CONICE	2007	333	2	-	-
XVI CONBRACE III CONICE	2009	282	2	1	1
TOTAL	-	1.035	16	1	1

**Quadro 1** - Trabalhos apresentados em edições do CONBRACE/ CONICE.

De acordo com este quadro, verifica-se que em 2005 um grande número de trabalhos apresentados no XIV CONBRACE estão relacionados com as Atividades na Natureza, evidenciando a existência de uma preocupação da Educação Física com tais práticas. No entanto, as edições que seguiram não demonstraram o avanço crescente da temática, caindo drasticamente o número de apresentações.



Apenas na sua última edição (2009) o evento realizado pelo Colégio Brasileiro Ciências do Esporte trouxe exposições que enfatizam tais atividades no contexto escolar. Nessa oportunidade, os autores demonstram a Orientação como uma prática a ser inserida nos currículos escolares. SANT' ANNA et. al. (2009, p. 3) justificam que “ao nosso ver este conteúdo possui elementos educacionais e pedagógicos que podem e devem ser abordados e utilizados pelos professores em suas aulas”.

O Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte possui como uma das suas características a amplitude com que trabalha as temáticas envolvendo movimento humano. É justamente nesse aspecto que o CBAA se difere, sendo quase que exclusivamente formado para os temas ligados às atividades de aventura, como é possível perceber na análise do quadro abaixo:

<b>Edição</b>	<b>Total</b>	<b>Radical/ Medo</b>	<b>Meio Ambiente Sustentável/ Preservação</b>	<b>Âmbito Escolar</b>	<b>Formação de Professores para AFANs</b>	<b>Orientação Indireta/ diretamente</b>
I CBAA 2006	60	2	1	9	5	1 / 0 = 1
II CBAA 2007	56	4	2	11	4	0 / 1 = 1
III CBAA 2008	58	2	1	14	4	2 / 1 = 3
IV CBAA 2009	54	1	6	12	5	1 / 3 = 4
V CBAA 2010	84	4	7	10	4	2 / 2 = 4
TOTA L	312	13	17	56	22	6 / 7 = 13

**Quadro 2** - Trabalhos apresentados nas cinco edições do CBAA.

Além do tema aventura, podemos dicotomizar os trabalhos em ambiente natural e ambientes artificiais. Dessa forma, de acordo com o enfoque dado, utilizamos apenas aqueles que se referem à natureza para compor o quadro.

Neste evento, pode-se compreender que existem várias referências sobre as Atividades na Natureza, sendo crescentes as apresentações que envolvem o Meio Ambiente Sustentável e a Preservação. Percebe-se também que é constante o número de exposições que relacionam a escola com a temática e a formação de professores para esse conteúdo a ser desenvolvido.



No quadro, também se percebeu a queda entre o total de trabalhos apresentados e aqueles com a temática de radical e medo, demonstrando assim, a diminuição nos termos que relacionam o esporte radical com a natureza.

A última coluna nos revela que a Orientação também tem seu espaço no Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. Inicialmente, os trabalhos se apresentavam tímidos, aparecendo em conjunto com demais práticas na natureza (escalada, rapel, trilha, entre outras), com o passar das edições, sua autonomia foi crescendo, surgindo sozinha e demonstrando ser a atividade que mais se encaixa no ambiente escolar.

Dessa forma, compreendeu-se que o tema tem muito a crescer com as pesquisas científicas, pois as publicações nos anais do CONBRACE mostram que o potencial ainda não foi alcançado. No entanto, os estudos só terão seu valor completo se passarem do papel para a prática, sendo a escola e a educação física campos propícios para o desenvolvimento das Atividades na Natureza.

#### **4. A ESCOLA E SEU CONTEXTO ATUAL**

A escola surge a partir de uma demanda da sociedade, que necessitava de uma sistematização do conhecimento, aglomerando-o em um estabelecimento com pessoas responsáveis por repassá-lo. Inicialmente, este espaço era privilégio de poucos, passando gradativamente a contemplar toda a população.

Hoje, a escola não se limita apenas a questões relacionadas ao ensino das matérias de seu quadro de trabalho, mas também com aflições trazidas pela sociedade, pela cultura regional e inquietações do mundo moderno. Dessa forma, a educação ambiental, tendo por base o chamado da coletividade, é inserida no contexto escolar, sendo contemplada interdisciplinarmente.

FRANCO & NOVAES (2001, p. 181) comentam que “cabe assim, articular escola e vida cotidiana, promovendo a formação de um cidadão consciente, historicamente situado, engajado nos problemas de seu tempo, dinâmico e participativo”.

Sendo assim, a escola exerce extrema importância na construção formal da educação ambiental dos alunos, pois ao aliar o conteúdo prático com a teoria os saberes são facilmente aprendidos, tornando os alunos compositores de seu próprio conhecimento.

No entanto, sabemos que existem inúmeras dificuldades para implantarem-se estas inovações em escolas e no currículo de Educação Física, como a falta de apoio do ambiente escolar, desconhecimento do professor sobre as alternativas educativas, formação deficitária, entre outros. (MARINHO & INÁCIO 2007, p. 65)

Primeiramente, esbarramos em um currículo escolar saturado, onde objetiva-se a formação de indivíduos para o mercado de trabalho. Para tal, há uma priorização das disciplinas tradicionais, visando habilitar o estudante à aprovação em concurso vestibular. Não há, portanto, espaço para conteúdos extras no planejamento anual do professor.

No segundo momento, para que a prática de Atividades na Natureza seja possível, há a necessidade de financiamento do material a ser empregado, tornando-as, em alguns casos, excessivamente onerosa em relação aos conteúdos tradicionais.

Outro ponto a ser ressaltado é o que diz respeito à qualificação e a formação dos professores para o posterior ensino desta prática. Sabemos que em alguns casos, essas atividades não são contempladas na formação inicial, existindo também poucos cursos de formação continuada para professores que desejam se especializar nessa área.



Seguindo na linha acima, também não podemos permitir que o indivíduo, incumbido de realizar tal Atividade na Natureza, não possua um comportamento ambiental correto, priorizando apenas o que diz respeito ao movimento físico e deixando de lado valores morais e de respeito ao Meio Ambiente.

Existem ainda muitas questões a serem desvendadas para que se desenvolva a Educação Ambiental por meio das Atividades na Natureza. Não podemos deixar de pensar sobre a equidade e o acesso dos alunos a esse benefício. De nada adianta haver uma preocupação com os conteúdos, formação professores e tempo disponível se o número de estudantes não corresponder ao investimento.

Diante deste cenário, compreende-se que é importante a formulação de políticas adequadas para a Educação Ambiental e sua inclusão no meio escolar. Para isso, o Projeto Político Pedagógico (PPP) também deve contemplar tal expectativa, pois muitas vezes a dificuldade não está nos problemas já expostos, mas de como a temática está priorizada no PPP da escola. Figueiredo confirma essa ideia articulando que:

Contemplar essas atividades no Projeto Político Pedagógico é uma maneira de enriquecê-lo e variar suas ações. Esse pode ser um meio de incluir os alunos nas aulas, que por muitas vezes não participam por não satisfazer os seus anseios. (FIGUEIREDO et.al. 2010, p.4)

Desta forma, muitas são as dificuldades que a escola enfrenta para trazer conteúdos novos para seu currículo, no entanto, sabemos que com planejamento e investimento adequados à realidade da instituição, sempre é possível se fazer o melhor para os alunos e conseqüentemente para a sociedade e, acima de tudo, para a educação. Atualmente, existem várias leis e parâmetros que sustentam essa proposta.

## **5. PROPOSTAS GOVERNAMENTAIS PARA O TEMA**

As discussões sobre o tema Meio Ambiente e Educação já se encontram em um patamar além dos bancos acadêmicos e das pesquisas científicas. Hoje, existem leis que fundamentam ações positivas acerca do tema e, além delas, contamos com documentos elaborados pelo Ministério da Educação e pela Secretaria de Educação do Estado que nos orientam no desenvolvimento de trabalhos como esse na escola.

Inicialmente, observando-se a Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999 que dispõe sobre a Educação Ambiental como componente da educação nacional devendo estar articulada com todos os níveis de ensino. A lei explicita que

Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999).

Ainda sobre essa questão, a Educação Ambiental tem como um de seus objetivos a compreensão integrada do Meio Ambiente, citando nele suas relações com a política, sociedade e ciência, ou seja, elementos que permeiam a educação nacional. Nesse aspecto, a escola se mostra encarregada de prosperar na parte que lhe cabe.

Para tanto, o Art. 8º menciona que algumas linhas de ações devem ser priorizadas como a capacitação de recursos humanos e desenvolvimento de estudos sobre a temática, além do acompanhamento e da avaliação. Para complemento, o Art. 11º revela que, para os professores que já estão atuando, haverá a formação complementar nas suas áreas de graduação, cumprindo os objetivos dessa Política Nacional de Educação Ambiental. (BRASIL, 1999).



Dando prosseguimento, outro documento relevante para o esse estudo é a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida no meio educacional como Lei de Diretrizes e Bases para a Educação (LDB). Para a Educação Física, em sua versão atualizada na Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003, ela menciona no parágrafo 3º do Art. 26º que “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica”. (BRASIL, 2003).

Como resultado, partindo do ponto de vista das leis mencionadas acima, se observa que a Educação Física também está incumbida de trabalhar a temática Educação Ambiental, sendo assim, nada é mais propício do que aliar o movimento humano a este conjunto de conhecimentos, resultando nas Atividades na Natureza.

Em consequência da LDB, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), uma coletânea de livros do Ministério da Educação com a finalidade de orientar os professores nas suas práticas pedagógicas, as edições de 1997 fazem referência aos conteúdos de primeira a quarta série e as de 1998 são relativas ao ensino de quinta a oitava série.

Dentro dos PCN, especialmente o que fala sobre Meio Ambiente evidencia-se a importância de se educar os brasileiros, de modo que ajam com responsabilidade, conservando e respeitando a integridade do meio e, que se modifiquem tanto interiormente, quanto nas relações com o ambiente. (BRASIL, 1998a, p. 181).

Segundo os Parâmetros do Meio Ambiente, um de seus objetivos é de perceber os fenômenos naturais, relações de causa/ efeito, posicionando-se criticamente diante das condições ambientais existentes. (BRASIL, 1998a, p. 197). Sem dúvida, os conteúdos que se desmembram desta meta são passíveis de ser trabalhados em qualquer disciplina da grade curricular, desenhando assim, o potencial do trabalho interdisciplinar.

Por sua vez, os Parâmetros da Educação Física trazem objetivos que permeiam as Atividades na Natureza como

Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania. (BRASIL, 1998b p. 7).

Dentro de seu livro, a Educação Física também traz um capítulo relativo ao Meio Ambiente e como se trabalhar com esse tema nas aulas. Nele, visualizamos que algumas considerações são necessárias, como o pensamento crítico diante de algumas atividades em meio natural e seus impactos, se os espaços existentes para a prática física estão respeitando o ambiente, entre outros. Além disso, a edição cita o posicionamento dos Parâmetros no que diz respeito às Atividades na Natureza:

Com a realização de atividades no meio natural, pode-se desenvolver uma atitude de observador atento às mudanças, traçando possíveis relações que o meio estabelece com o organismo durante uma prática, e de uma atitude no cotidiano que busque minimizar as marcas deixadas pelo homem no meio ambiente. Pode-se, ainda, desenvolver o hábito de silenciar quando em meio à natureza, ampliando a capacidade de percebê-la, de sentir-se parte, de responsabilizar-se pela sua manutenção. (BRASIL, 1998b p. 40).

No entanto, acreditamos que muito mais do que observador, o aluno que pratica essas atividades tem a possibilidade entender que a natureza faz parte da sua essência, necessitando dela diariamente, para nutrir-se, entreter-se, participando ativamente de seu ciclo existencial. Certos disso, os estudantes

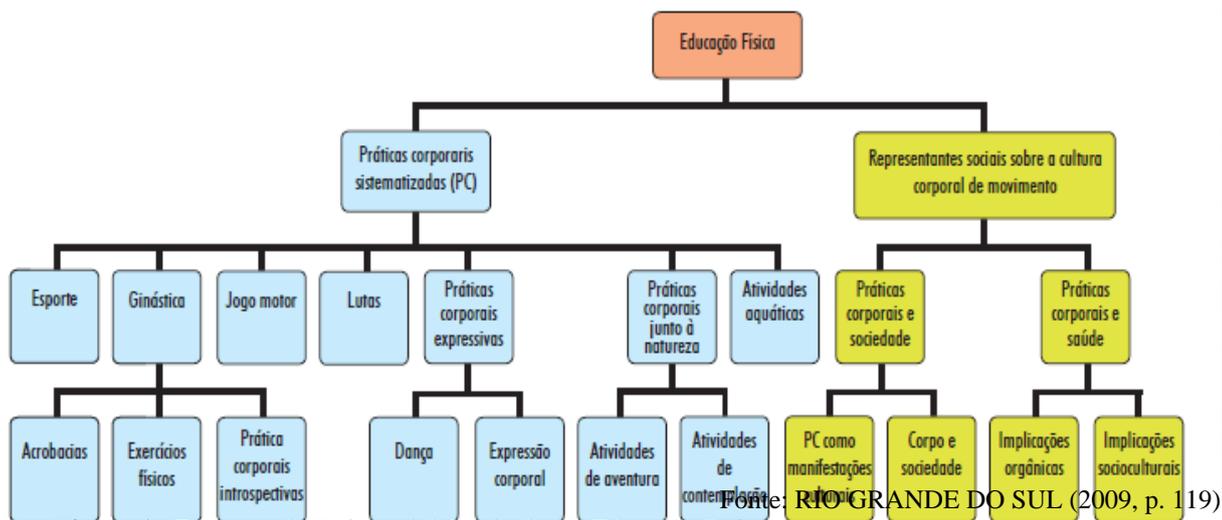


passarão a respeitá-la e preservá-la integralmente e, sem dúvidas, os PCN deixam bem claros esses objetivos nas suas redações.

No Estado do Rio Grande do Sul, por meio da Secretaria da Educação, foi lançado em 2009 o Referencial Curricular, conhecido como Lições do Rio Grande, que oferece ao professor estratégias de intervenção pedagógica, favorecendo a aprendizagem e desenvolvimento de competências.

A Educação Física por sua vez, está presente no volume 2, que diz respeito as linguagens, códigos e tecnologias, juntamente com as artes. As lições estão organizadas em uma espécie de mapas, que expõe de forma detalhada as competências e os conteúdos a serem trabalhados, desde a quinta série até o ensino médio. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 118). As práticas corporais descritas na figura 1 se encontram também no trabalho de GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER (2010, p. 15).

O Referencial está dividido em temas estruturantes, onde o primeiro relaciona-se com as práticas tradicionais e o segundo com as representações sociais que constituem a cultura de movimento. Esclarecendo, as Práticas corporais junto à natureza constituem-se na primeira parte. Após isso, os temas e subtemas são divididos em eixos referentes a saberes específicos, segundo a figura 1.



**Figura 1** - Esquema do Referencial Curricular da Educação Física.

Nessa figura, as Atividades na Natureza desmembram-se em dois eixos: Atividades de Aventura e Atividades de Contemplação. A primeira traz o movimento como aliado e a segunda como se o mundo fosse visto de uma câmera fotográfica.

De certo modo, vemos as atividades contemplativas como inferior às atividades motoras, pois nelas os alunos se distanciam do ambiente para visualizá-lo, em um processo de não pertencimento, de desapego. Acreditamos que as atividades que inserem o indivíduo no meio tenham maior probabilidade de fazer com que o mesmo se integre e interaja com maior intensidade, compondo esse conjunto que é o ser humano e a natureza.

Dando prosseguimento, dentro de cada eixo surgem dois subeixos, um referente aos saberes corporais necessários para a prática e outro com saberes conceituais relacionados à experimentação da atividade, sem um processo pedagógico profundo de ensinamento. O primeiro se difunde em exercícios para praticar



e para conhecer, o segundo subeixo traz conhecimentos técnicos do conteúdo em questão e conhecimentos críticos acerca do assunto. (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 122).

As Lições do Rio Grande também trazem um quadro referente às porcentagens que as atividades deveriam conter no planejamento das aulas em cada série, como o que aparece abaixo:

	Esporte	Ginástica	Jogo motor	Lutas	Práticas corporativas expressivas	Práticas corporais junto à natureza	Atividades aquáticas	Práticas corporais e sociedade	Práticas corporais e saúde
5ª e 6ª	50%	18%	10%		10%			6%	6%
7ª e 8ª	44%	10%		8%	10%	10%	6%	6%	6%
1ª	44%	12%			12%	10%	6%	8%	8%
2ª e 3ª	40%	16%			12%	12%		10%	10%

Fonte - RIO GRANDE DO SUL (2009, p. 125)

**Quadro 3** - Porcentagem dos conteúdos da Educação Física Escolar.

No entanto, existem questões a serem repensadas: quanto tempo é necessário para as práticas e quanto tempo dispomos? Nosso Estado possui diversas manifestações culturais e práticas diferenciadas em seu território, porém todas as escolas possuem piscinas? A natureza é abundante para a prática de atividades em meio natural ou se resume em pradarias e arredores da cidade?

Nota-se ainda, ao observar-se o Quadro 3, a inexistência de tempo destinado a prática de atividades corporais junto à natureza para 5ª e 6ª séries. Talvez, tal fato decorra pela escolha da terminologia aventura como subtema, o que, naturalmente, impede que associe-se sua prática à faixa etária das séries em questão. Se fosse adotado um termo mais adequado, seria mais fácil perceber a aplicabilidade de tais atividades a todas as turmas.

Com certeza, temos que pensar criticamente acerca dos quadros das Lições do Rio Grande, adequando-os as realidades de nossos municípios e regiões, porém, tentando ao máximo contemplar o que foi registrado, possibilitando aos nossos alunos uma vivência motriz cada vez mais ampla.

Por fim, vimos que as Atividades na Natureza se encontram fundamentadas nas leis, parâmetros e referenciais curriculares que baseiam a nossa Educação Física Escolar, demonstrando também que discussões e estudos ainda são necessários para um aprendizado significativo.

## 6. O CASO DA ORIENTAÇÃO

Utilizou-se a Orientação para ilustrar este trabalho por acreditar no seu potencial escolar, sendo uma prática pedestre de fácil implantação na Educação Física. Alguns estudos já revelam tal potencialidade como uma inovadora ferramenta pedagógica.

A Orientação contempla o disposto nos PCN quanto à transversalidade apresentando-se como inovadora ferramenta pedagógica. Ao se proporcionar aos educandos atividades motivadoras e



dinâmicas, eles participam e contribuem no desenvolvimento das mesmas, trazendo os seus conhecimentos anteriores, além de terem um maior interesse em expressarem suas opiniões e emitirem as críticas de forma respeitosa aos demais. (ALVES E LEMOS, 2009, p. 36)

OLIVEIRA, BARROSO & COSTA (2008, p.2), assim como LEMOS, STEFANE & LIZIERO (2009, p. 37) em seus estudos, também trazem contribuições relatando que a Orientação cresce no ambiente escolar por sua capacidade de unir aspectos físicos e cognitivos, de ampliar a participação em condições de igualdade e pela necessidade de se conhecer a leitura de mapas, avaliação e escolha da rota, uso da bússola, concentração sob tensão, tomada rápida de decisão, entre outras.

Vendo por este prisma, essa modalidade possui a chance de aperfeiçoar os indivíduos quanto à motivação, à superação diante dos desafios impostos ao seu auto-controle, características marcantes nas atividades em meio natural que possibilitam o crescimento do ser humano.

Por outro lado, a Orientação também se difere das demais Atividades na Natureza pelo seu componente interdisciplinar, pois, ao se desenvolver uma prática que tem como ferramentas básicas a bússola, o prisma (que sinaliza algum ponto no terreno) e o mapa, aprendemos a Geografia, a Matemática, a Biologia, a Física, a Química, entre diversas outras matérias que compreendem o currículo escolar.

Nesse aspecto, os estudos de SANT'ANNA et.al. corroboram com essa ideia, apontando os benefícios que essa prática traz ao aprendizado dos alunos.

Metade dos alunos declarou ter utilizado, em algum momento, os conceitos aprendidos durante as aulas de Orientação em outras disciplinas, o que comprova que na prática ocorre comunicação entre disciplinas e interdisciplinaridade. Os comentários da professora se mostraram positivos (SANT'ANNA et.al. 2009 p. 5)

Alguns trabalhos sobre essa prática ainda revelam a dificuldade que existe na implantação da mesma no ambiente escolar pelo alto custo dos equipamentos (bússolas, prismas e mapas), todavia, BRITO, CARDOSO & COSTA (2009, p. 56) descrevem em sua apresentação que “um desses informantes, que já havia vivenciado a prática da corrida de orientação [...], mas ainda não havia colocado em prática no seu espaço pedagógico, expôs que essa modalidade esportiva pode ser oferecida sem a utilização de material”.

Hoje em dia, com os materiais recicláveis podemos produzir prismas de garrafas pet, ou até mesmo utilizar os cones da Educação Física. O mapa pode ser transformado em um croqui desenvolvido pelos próprios alunos. A bússola pode ser também confeccionada com reciclados ou ser afixada nas paredes do ginásio com os quatro pontos cardeais (Norte, Sul, Leste e Oeste).

Enfim, existem inúmeras possibilidades de se repensar as Práticas na Natureza, reinventando-as para que sejam compatíveis com a escola em que serão trabalhadas. Ensinando-as como conteúdo do movimento humano, como prática interdisciplinar e como tema transversal que traz o Meio Ambiente atrelado.

A Orientação em sua vertente ambiental contempla os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, pois na sua prática o indivíduo se identifica como parte da natureza, percebendo que pode ser atuante e responsável pelo ambiente (BRASIL, 1998a, p.197). A partir do momento em que o aluno pega seu mapa ele está em completa ligação com o meio, tornando-se dependente do mesmo para seu êxito na atividade.

Além desse ponto, o processo de ensino-aprendizagem da Orientação considera os três conteúdos base da Educação Ambiental, onde se percebem os ciclos da natureza (ciclo da energia, da água, degradação



do solo, etc), importantes para o entendimento do relevo que está representado no mapa, como erosões, escarpas e quedas d'água.

Em segundo plano, nota-se também a relação da sociedade com o Meio Ambiente, pois a prática ocorre muitas vezes em parques, florestas nacionais e propriedades públicas, possibilitando a visualização do comportamento ambiental que os indivíduos possuem. Por último, são ensinados os valores de conservação ambiental para os iniciantes dessa modalidade, demonstrando que dependemos das matas, florestas e campos para a sobrevivência não somente da vida, mas da nossa Prática na Natureza também. (BRASIL, 1998a, p. 203).

É dessa forma que a Orientação se apresenta no contexto atual, uma prática internacionalmente conhecida pelo vulto competitivo, mas que cresce no âmbito escolar e do lazer. Uma modalidade distanciada do modismo dos esportes de aventura, no entanto, com significados e conteúdos claros, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola.

Conclui-se que esse esporte estimula o exercício da autonomia e propicia contato com a natureza, atentando para a valorização do meio ambiente, apresentando potencial educacional e pode ser recomendada como mais uma atividade a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física Escolar. (PORTES & CARDOSO, 2007, p. 118).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o propósito de relatar as Atividades na Natureza como conteúdo da Educação Física Escolar, em especial a Orientação, atividade de reconhecimento ímpar no meio educacional. Conforme os anais revisados, e a relação com a legislação e os parâmetros, foi possível ampliar a compreensão de que tais práticas são propícias para esse ambiente e que também podem sofrer alterações para uma melhor aplicabilidade.

O enfoque dado as Atividades na Natureza representou um grande diferencial, pois foi possível perceber o quanto o homem faz parte do Meio Ambiente e como tais práticas são úteis no processo de ensino-aprendizado, fazendo com que haja uma mudança de hábitos e relações com o meio, atendendo o que está previsto na legislação nacional, nos parâmetros e referenciais da educação.

No entanto, nem tudo está perfeito, ainda há muito que fazer pela formação em Educação Física, pois mesmo reconhecendo os avanços na formação inicial e continuada de professores da nossa área, ainda predominam tendências “escolarizadas” e “academicistas” dos programas de formação de professores dessa disciplina. (SANTOS, BRACHT & ALMEIDA, 2009 p. 160).

Os Parâmetros do Meio Ambiente também colocam que a vivência permite perceber que a produção dos conhecimentos em questões ambientais é contínua, necessitando assim, de uma atualização constante. (BRASIL, 1998<sup>a</sup>, p. 188).

O estudo de TRAUER, CAPRA & SALDANHA (2006, p. 58) nos afirma que

A repercussão desta área de conhecimento num Curso de formação em Educação Física favorecerá comunidade acadêmica atitudes reflexivas e possibilidades de desenvolver pesquisas que venham contribuir para melhoria da Educação Física na Educação Básica com o objetivo de garantir a consolidação da formação humana.

Sendo assim, este trabalho amplia a intenção de alavancar o número de pesquisas realizadas sobre essa temática, expandindo-a para além dos bancos acadêmicos, com o intuito de atingir uma grande quantia de professores de Educação Física que buscam o aprimoramento das suas práticas docentes.

Partindo desse estudo, cabe então o envolvimento na busca da qualificação necessária para as Atividades na Natureza, por parte dos professores da disciplina que é a favorita de muitas crianças e



jovens estudantes, conscientizando-se de que modificar ou produzir uma nova realidade é sempre um desafio a ser cumprido, mas nunca uma aventura.

Há o dever de romper com paradigmas tradicionais, dar um descanso para a bola e consolidar o que vem sendo debatido e polemizado há muitos anos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, que é uma Educação Física igualitária, participativa e de múltiplas possibilidades.

### **REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO**

ALVES, A. L. & LEMOS, R. A. Corrida de Orientação, inovadora ferramenta pedagógica. In: IV Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2009, Rio Claro, São Paulo. **Anais...**

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20/12/1996.

BRASIL. **Lei nº 9.795 de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Diário Oficial da União, Brasília, 28/04/1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b, 114p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente e Saúde.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997,126p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a, p. 167 – 242.

BRASIL. **Lei nº 10.793 de 1º de dezembro de 2003.** Dispõe sobre a atualização da Lei de Diretrizes e Bases para a Educação. Diário Oficial da União, Brasília, 02/12/2003.

BRITO, L. F. F. CARDOSO, E. M. S. COSTA, J. V. A corrida de Orientação e o Contexto Escolar. In: IV Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2009, Rio Claro, São Paulo, **Anais...**

DORNELLES, J. O. F. **O percurso de Orientação.** 2ª Edição, Santa Maria: Palotti, 2007.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12.** Ed. Positivo, 2004. CD-ROM.

FIGUEIREDO, J. P. et.al. Educação Ambiental e Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN): perspectivas de utilização no contexto escolar. **Revista digital EF DEPORTES.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd146/educacao-ambiental-e-atividades-fisicas-na-natureza.htm>> Buenos Aires, ano 15, julho de 2010.

FRANCO, M. L. P. B. NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Caderno de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas,** São Paulo, n. 112, p. 167-183, março, 2001.



GONZÁLES, F. J. FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. In: Cadernos de Formação RBCE, Campinas, v.1, n.2, p. 10-21, março, 2010.

LEMOS, P. R. A. STEFANE, C. A. & LIZIERO, L. Conhecimentos, Habilidades e Capacidades envolvidas na corrida de Orientação. In: IV Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2009, Rio Claro, São Paulo. **Anais...**

MARINHO A. & INÁCIO H. L. D. Educação Física, Meio Ambiente e Aventura: um percurso por vias instigantes. **Rev. Bras. Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.3, p. 55-70, maio, 2007.

MARINHO, A. Atividades na Natureza, Lazer e Educação Ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, nº 22, jun, 2004

MELO, R. Z. SOARES, I. C. Atividades Físicas de Aventura na Natureza na escola na cidade de Bonito, MS: um estudo de caso. In: V Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2010, São Bernardo do Campo, São Paulo, **Anais...**

OLIVEIRA, F. S. BARROSO, J. S. & COSTA JUNIOR, O. M. A corrida de Orientação enquanto conteúdo da Educação Física escolar. **Revista digital EF DEPORTES**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd119/corrida-de-orientacion-conteudo-da-educacao-fisica-escolar.htm>> Buenos Aires, ano 13, abril de 2008.

PORTAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura 26/03/2010. Disponível em: <<http://www.educacaofisica.com.br/blogs/neyfelippe/texto.asp?id=503#>>. Acesso em 19/10/2010.

PORTES, C. CARDOSO, E. A corrida de Orientação no contexto escolar. In: II Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2007, Governador Valadares, MG, **Anais...**

RIO GRANDE DO SUL. **Referenciais Curriculares**. Porto Alegre, 24/08/2009 vol. 2, p. 113-173. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer\\_curric.jsp?ACAO=acao1](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer_curric.jsp?ACAO=acao1)>. Acesso em: 20/10/10.

SANT' ANNA et.al. Corrida de Orientação: Proposta de inclusão do esporte nas aulas de Educação Física escolar. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2009, Salvador, Bahia, **Anais...**

SANTOS, N. Z. BRACHT, V. ALMEIDA, F. Q. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n.2, p. 141-165, abril/junho, 2009.



SILVA, V. M. SCHMITZ FILHO, A. G. & LAPORTA, L. I. Perspectiva à Implantação de um ambiente direcionado a análise dos cenários esportivos na mídia. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba, PR. **Anais...**

TRAUER, P. CAPRA, E. SALDANHA FILHO, M. F. Implementação de Atividades Físicas de Aventura na Natureza no curso de Licenciatura em Educação Física. In: I Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura, 2006, Balneário Camboriú, SC, **Anais...**

**Sara Fabrina Soares Dornelles Weis**

Endereço: Rua Ten. Gen. Nasion nº23, Resende-RJ, CEP: 27533-170

E-mail: [saradornelles@gmail.com](mailto:saradornelles@gmail.com)

Recurso para a apresentação: retroprojetor